

# Nunca se demitiu tanto em Brasília

Sheila D'Amorim  
Da equipe do Correio

Os dois anos e meio de trabalho do motorista Marco Antônio Alcântara, 29 anos, numa empresa de material de construção, se resumiram a R\$ 1.622,00.

Foi tudo o que ele teve a receber na rescisão de contrato, na semana passada.

“Eu cheguei para trabalhar e uma amiga me disse que estavam batendo minha demissão”, diz, observando que no fundo já esperava que isso acontecesse.

“Primeiro, eu achava que por ter um certo tempo de casa tinha mais garantia. Depois que eu vi empresas demitindo gente com 20 anos de trabalho, senti que qualquer hora poderia ser a minha vez”, conta.

Fei a vez dele, do estoquista Antônio Lopes, 23 anos, do vendedor Antônio Soares de Freitas, 30 anos, e de mais de 50 pessoas que, na sexta-feira, estiveram no Sindicato dos Empregados no Comércio para homologar a rescisão de contrato de trabalho.

**Crise** — Todos tinham mais de um ano no emprego e o mesmo motivo para a demissão: a crise no comércio.

Só de janeiro a agosto deste ano, o comércio do Distrito Federal já demitiu mais gente do que em todo ano passado.

O sindicato da categoria homologou 9.817 rescisões de contrato no período, uma média de 40 por dia. De janeiro a dezembro de 1994 foram 9.708 homologações, num ritmo médio diário de 26.

Os piores meses foram janeiro, fevereiro, março e maio quando o setor aumentou o ritmo de demissões, respectivamente, em 120%, 180%, 70% e 75%, quando comparados com o mesmos meses do ano anterior.

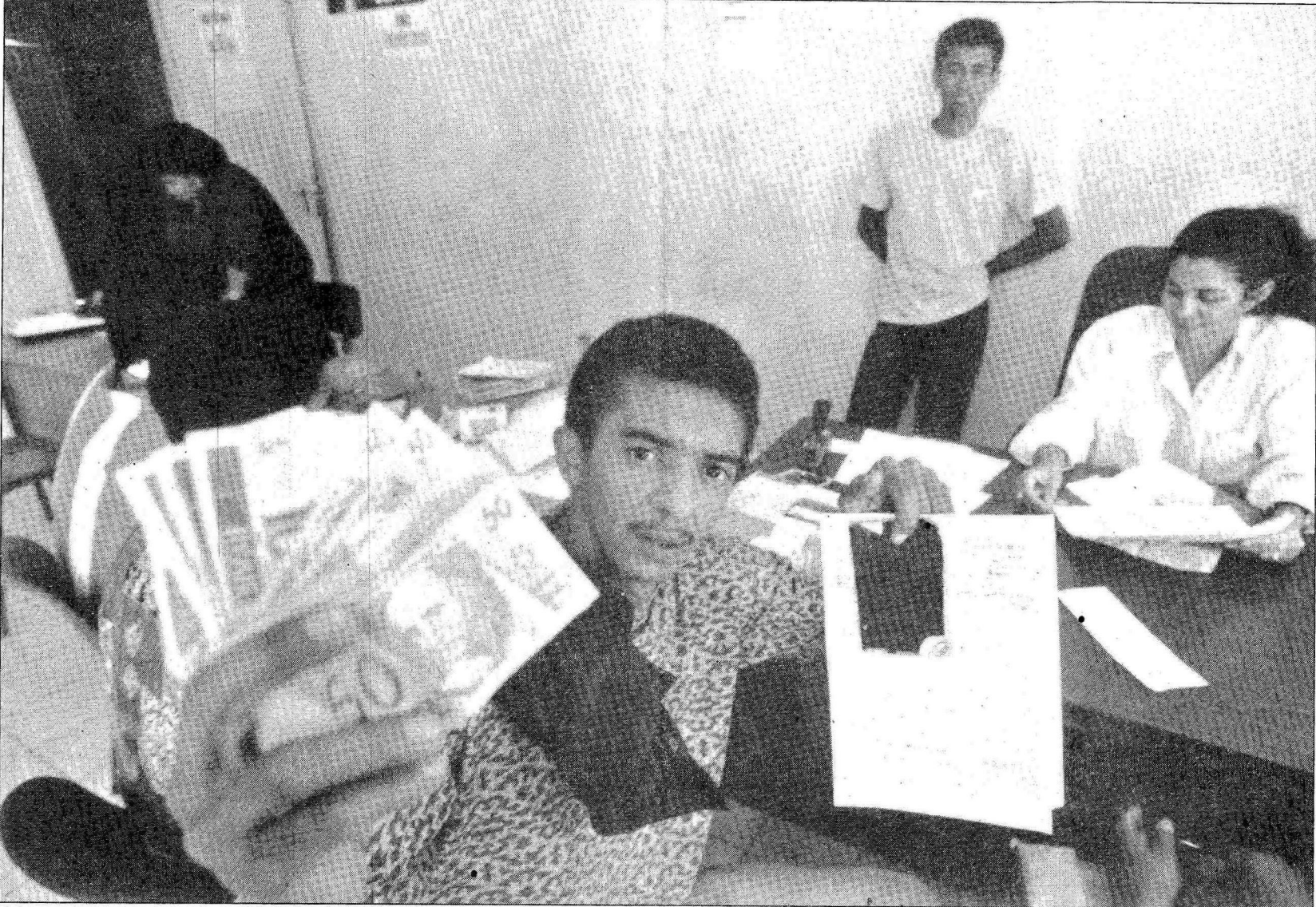
**Pesquisa** — “Aí estão incluídas apenas as pessoas com mais de um ano de serviço”, destaca a vice-presidente Geralda de Sales, observando que antes de um ano as rescisões não precisam ser homologadas no sindicato.

Segundo ela, estimativas feitas com base nas consultas pessoais e por telefone vêm demonstrando que este ano cerca de 15.300 empregados com menos de um ano de casa foram demitidos.

“O pior é que a gente não pode culpar a empresa. O aperto é geral”, diz Marco Antônio, que agora vai usar o dinheiro que recebeu para construir a casa e se ver livre do aluguel do barraco no Jardim Ingá, no Entorno do DF. “Estamos num período atípico”, ressalta Antônio Brauna Araújo, secretário geral do sindicato. “Ao invés do comércio estar se preparando para o período de Natal e reforçando quadro de pessoal, está demitindo”.

Para ele, o pior é que cerca de 90% desse pessoal que está sendo demitido não está conseguindo retornar ao mercado de trabalho.

Wanderley Pozzembom



Marco Antônio: dois anos e meio de trabalho como motorista de uma empresa de construção lhe valeram na rescisão de contrato apenas R\$ 1.622,00

*“O pior é que a gente não pode culpar a empresa. O aperto é geral”*

Marco Antônio Alcântara,  
29 anos, ex-motorista de uma empresa de construção

*“Foi uma surpresa. Ninguém desconfiava que a loja ia fechar assim”*

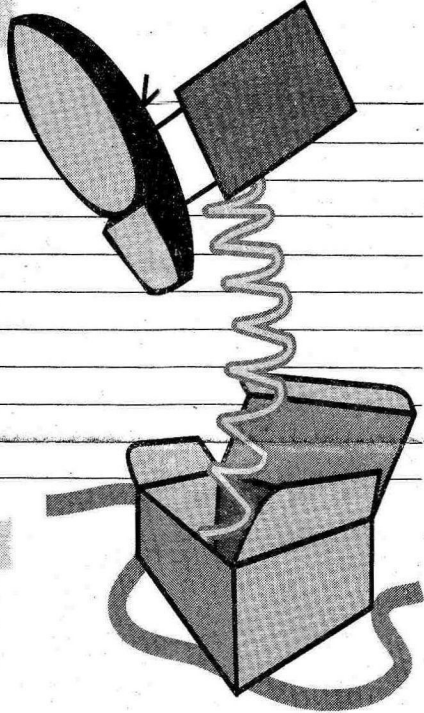
Antônio Soares de Freitas,  
30 anos, ex-vendedor de uma loja de tecidos

## DEMISSÕES NO COMÉRCIO

MÊS	1994	1995
Janeiro	791	1.740
Fevereiro	331	944
Março	829	1.460
Abril	825	1.340
Maio	812	1.260
Junho	776	1.125
Julho	630	1.008
Agosto	999	1.063
Setembro	936	—
Outubro	776	—
Novembro	1.011	—
Dezembro	991	—
<b>TOTAL</b>	<b>9.707</b>	<b>9.817</b>

■ Esses dados são referentes às homologações de contratos feitas no sindicato para os empregados com mais de um ano de trabalho.

Fonte: Sindicato dos empregados no comércio do DF.



AN - EDITORA DE JET

## Seguro salva a barra de muitos

O vendedor Antônio Soares de Freitas, 30 anos, fala rápido para não perder tempo. Do Sindicato dos Empregados no Comércio do DF, onde homologou a rescisão de contrato de trabalho, ele vai direto dar entrada no seguro-desemprego.

Solteiro, ele mora com quatro amigos numa casa em Planaltina e não pode correr o risco de ficar sem dinheiro por muito tempo.

“A minha rescisão dá para segurar a barra um pouco, mas está difícil arrumar emprego e eu não sei se vou conseguir algo na minha área”, explica.

Freitas trabalhava há três anos como vendedor numa loja de tecidos quando foi demitido no início do mês, junto com outros 22 funcionários.

“Foi uma surpresa. Ninguém desconfiava que a loja ia fechar assim”, conta. “Graças a Deus, um mês antes eu tinha acabado de pagar a última prestação da televisão de 20 polegadas que comprei”, comemora.

**Salvação** — Assim como Freitas, milhares de trabalhadores de todo o país estão recorrendo ao seguro-desemprego como o “salvador da pátria” enquanto não aparece um trabalho novo.

Pelas estatísticas do Ministério do Trabalho, houve um aumento de 18,45% no total de requerimentos de seguro-desemprego processados em julho deste ano, comparado com o mesmo mês do ano anterior. De 308.268 passou para 384.353.

No primeiro ano do Plano Real, 4,9 milhões de requerimentos foram analisados pelo ministério. Desse total, 4,7 milhões foram aprovados.

O mês de março de 1995 foi o que registrou maior número de pedidos no período, com 489.247. De lá para cá, esse número vem oscilando entre um mês e outro, mas até agora ele não foi inferior a 337 mil requerimentos.

Adauto Cruz



Arlinda aceita qualquer trabalho

## Construção em marcha lenta

Zuleika de Souza



Esqueleto do prédio do Vitória Flat: a imagem da lentidão do setor

Nada de homens trabalhando, máquinas, barulho, movimento. A obra do Vitória Flat, um edifício da Encol no Setor Hoteleiro Norte, há quase um mês, parece ser mais um esqueleto de obra inacabada da cidade.

Até o tapume com a marca da empresa foi substituído e pintado. Esse retrato do abandono é justificado pelo superintendente da empresa, Marcus Vinícius Viana, como “um ajuste do ritmo de trabalho ao momento do país”.

Um ritmo lento, muito lento, que se abateu não só sobre a Encol, mas sobre a construção civil da cidade de uma forma geral.

“O mercado na cidade está parado”, afirma o presidente do Sindicato da Construção Civil, Adalberto Valadao.

**Juros** — “O setor privado não está captando dinheiro para investir, os juros estão altos, o consumidor endividado e a parte de obras públicas está parada”, justifica.

Não foi à toa que no primeiro ano do Real o setor perdeu 8.100 postos de trabalho, segundo estatísticas da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan).

Isso preocupa o governo local. “O grande problema é que essa é uma mão-de-obra que dificilmente encontra trabalho em outro setor”, comenta o secretário de Trabalho, Pedro Celso.

A Encol, uma das maiores construtoras da cidade, terminou 1994 contratando 500 operários. De fevereiro para cá diminuiu de 2.000 para 1.150 a quantidade de trabalhadores nos 60 canteiros de obras que a empresa tem em Brasília.(SD)

## Para doméstica, chance aumenta

“Hoje eu saí de casa disposta a arrumar qualquer tipo de trabalho, até mesmo de doméstica”, desabafou a ex-cabeleireira e ex-balconista Arlinda Félix de Araújo, enquanto esperava a vez de ser atendida no Sine com a senha número 275.

Ela chegou antes do meio-dia e já passava das 15 horas. A rotina dura oito meses, desde que perdeu o último emprego num salão, no final do ano passado.

A situação de Arlinda, mãe de um menino de cinco anos, ficou mais complicada porque que o marido também perdeu o emprego de porteiro, em dezembro.

“Ele trabalha como pedreiro e electricista e vinha fazendo serviços temporários, mas há duas semanas está parado”, lamentou.

Como cabeleireira ou balconista pode ser difícil Arlinda conseguir emprego por causa da crise que toma conta do comércio. Já como doméstica, as possibilidades são maiores. Só em julho segundo dados do Serviço Nacional de Emprego (Sine-DF) foram oferecidas 805 vagas para um total de 900 pessoas que se cadastraram.

**Crescimento** — “O emprego doméstico foi o que mais cresceu nos últimos meses”, observa Mário Magalhães, chefe da divisão de pesquisa e planejamento da Secretaria de Trabalho.

Só no mês de julho deste ano, segundo dados do Serviço Nacional de Emprego (Sine-DF) foram oferecidas 805 vagas para um total de 900 pessoas que se cadastraram para esse tipo de emprego. Cerca de 660 conseguiram trabalho.

“Como o desemprego está crescendo entre os chefes de famílias, as mulheres estão tendo que partir para o mercado de trabalho”, justifica Magalhães.

Ponto favorável às domésticas é o fato de que manter uma diarista pode custar mais caro no final das contas do que contratar uma empregada tempo integral.

“Eu pagava R\$ 200,00 por mês para a diarista ir duas vezes na semana na minha casa. Com um salário eu posso ter uma empregada que fica de segunda a sexta-feira comigo”, observa a funcionária pública Shirley Santos, 30 anos. (Colaborou Regina Pires)